

Japão tem projeto para dívida

ESTADO DE SÃO PAULO - 2 OUT 1988

Na reunião anual do
FMI-Bird, japoneses
mostraram sua
força econômica

OSWALDO RIBAS

Os japoneses mostraram ao mundo sua força econômica quando o presidente do Banco do Japão, Satoshi Sumita, anunciou ao plenário da 43ª Assembleia Anual do FMI-Bird, terça-feira, em Berlim Ocidental, o plano nipônico para acabar com o maior problema do sistema financeiro internacional: o endividamento externo das nações em desenvolvimento, que deverá chegar a US\$ 1,24 trilhão até o final do ano. Na condição de principal nação credora, além de líder mundial em superávits comerciais e reservas internacionais, o Japão, apresentou as diretrizes básicas de três grandes projetos para aliviar a carga da dívida externa do Terceiro Mundo.

O mais inovador é a Iniciativa Miyazawa (desenvolvida pelo atual ministro das Finanças, Kiichi Miyazawa), que propõe a criação de uma linha especial de crédito, operada pelo Eximbank (Banco de Exportação e Importação do Japão) e bancos comerciais. Os destinatários seriam os países endividados de renda média — caso do Brasil, México e Argentina — e não haveria necessidade de compra de bens japoneses em contrapartida.



AFP - 9/4/87

Miyazawa: linha de crédito

Outra grande meta japonesa é ampliar o Fundo Nakasone (do ex-primeiro-ministro japonês, Yasuhiro Nakasone) de US\$ 30 bilhões para US\$ 50 bilhões nos próximos cinco anos (1988-92). São recursos oficiais do governo japonês destinados às regiões mais críticas do plano — o chamado Quarto Mundo —, formado por países da América Central, África subsaariana e nações asiáticas. Sumita chegou a falar até em “perdão para dívida” dessas nações.

A terceira proposta, e a mais polêmica por envolver o estoque da dívida do Terceiro Mundo com os bancos privados internacionais, prevê a formação de um fundo internacional de securitização (transformação em títulos) de parte desses débitos já vencidos. Sumita propôs que esse fundo fosse ad-

Externa
ministrado pelo próprio FMI, tivesse o apoio das nações industrializadas e fosse dotado de uma reserva especial com recursos do país devedor como garantia, ou caução. “Mas isto”, disse Sumita, “valerá apenas para os países comprometidos com programas de ajuste econômico de médio prazo com o FMI”.

Os representantes de países devedores olharam as propostas com indisfarçável otimismo — o próprio ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, chegou a anunciar os benefícios que o plano traria ao Brasil. Já os credores, partidários da linha conservadora dominante na última reunião de cúpula dos Sete Grandes, em Toronto, não esconderam seu mal-estar com o despreendimento japonês.

É que o Japão não faz segredo de sua boa vontade em contribuir com organismos multilaterais, como FMI e Bird, desde que possa aumentar sua participação nas cotas dessas instituições e, com isso, ganhar maior hegemonia nas decisões que afetam a economia mundial. Os japoneses falaram abertamente em transformar sua moeda, o iene, em divisa internacional, com peso semelhante ao dólar norte-americano. O Japão quer essa compensação para desembolsar seu tesouro. Uma troca, entretanto, que os EUA e seus aliados europeus — parece — não estão dispostos a aceitar.